

## VI

### A MÃE ORIENTADA PARA O MISTÉRIO

*Centelhas pascais em Lc 2*

Qualquer um ficaria talvez desorientado pelo subtítulo que acende luzes pascais nos trechos de Lc 2, que seria mais de acordo inserir no contexto natalino. De fato, estamos acostumados a escutar tais textos em um exato período do ano que nem sempre favorece uma correta interpretação, envolvido como é por particulares circunstâncias de clima, de hábitos, de situações sociais e familiares. Disso resulta uma “volta por cima”, favorável ao sentimento, não da mesma forma à aquisição da verdadeira mensagem.

Nossa intenção é ler esses trechos que falam primariamente de Jesus, com referência a Maria, sua mãe; além do mais, queremos indicar a validade pascal de tais textos, de modo que sejam ligados com todo o mistério da salvação. Deixarão de ser considerados como mônadas errantes e serão vistos como teclas de um piano complexo que tem em Deus sua projeção, em Cristo nascido, morto e ressuscitado sua realização, em todos os homens os destinatários e em Maria uma colaboradora excepcional. Se o nascimento em Belém “é a aurora em claro-escuro” (São Bernardo), a ressurreição “é causa e modelo” (Guerrico d’Igny). Penetrar o mistério pascal significa desembarcar no Natal certo.

## O texto

<sup>1</sup>Naqueles dias saiu um edito de César Augusto que ordenava o recenseamento de toda a terra. <sup>2</sup>Este primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era o governador da Síria. <sup>3</sup>Todos iam dar o seu nome, cada um em sua própria cidade. <sup>4</sup>Também José saiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e da família de Davi, <sup>5</sup>para dar seu nome com Maria, sua esposa, que estava grávida. <sup>6</sup>Enquanto se encontravam lá, chegou para ela o tempo do parto e deu à luz seu filho primogênito. Envolveu-o em faixas e o colocou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

<sup>21</sup>Quando se passaram oito dias para circuncidá-lo, foi-lhe dado o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo antes de ser concebido no seio materno. <sup>22</sup>Chegado, pois, o tempo de sua purificação, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para oferecê-lo ao Senhor, <sup>23</sup>como está escrito na lei de Moisés: Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor; <sup>24</sup>e para oferecerem em sacrifício, como diz a lei do Senhor, um casal de rolas ou dois pombinhos. <sup>25</sup>Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão: era um homem justo e piedoso e esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele. <sup>26</sup>Pelo Espírito Santo também lhe fora revelado que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. <sup>27</sup>Foi portanto ao templo, movido pelo Espírito; e enquanto os pais levavam o menino Jesus para fazerem a seu respeito tudo quanto ordenava a lei, <sup>28</sup>ele o tomou nos braços e bendisse a Deus, dizendo: <sup>29</sup>“Agora, Senhor, deixa ir em paz o teu servo segundo tua palavra, <sup>30</sup>porque meus olhos já viram a tua salvação, <sup>31</sup>que preparaste diante de todos os povos; <sup>32</sup>luz que ilumina os povos e glória do teu povo, Israel”.

<sup>33</sup>Ora, seu pai e sua mãe ficavam maravilhados de tudo quanto se dizia dele. <sup>34</sup>Simeão abençoou-o e disse a Maria, sua mãe: “Eis que ele foi posto para a queda e a ressurreição de muitos em Israel e como sinal de contradição, <sup>35</sup>de modo que uma espada traspassará a tua alma, para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações”.

<sup>36</sup>Havia ali também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, de idade muito avançada, que se casou ainda bem jovem e viveu sete anos com o marido, quando enviuvou. <sup>37</sup>Permanecendo viúva e já aos oitenta e quatro anos, não deixava jamais o templo e servia a Deus dia e noite, com jejuns e orações. <sup>38</sup>Chegando exatamente naquela mesma hora, dava graças a Deus e falava sobre o menino a todos aqueles que esperavam a libertação de Jerusalém. <sup>39</sup>Quando se completou tudo aquilo que dizia respeito à lei do Senhor, voltaram à Galiléia, à sua cidade de Nazaré. <sup>40</sup>Entretanto o menino crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele.

<sup>41</sup>Seus pais costumavam ir a Jerusalém todos os anos, para a festa da Páscoa. <sup>42</sup>Quando ele completou doze anos, os seus pais foram a Jerusalém, segundo o rito da festa. <sup>43</sup>Passados aqueles dias, quando já retornavam, o menino permaneceu em Jerusalém, sem que seus pais o percebessem. <sup>44</sup>Julgando que ele estivesse na caravana, fizeram um dia de caminhada, depois o procuraram entre os parentes e conhecidos. <sup>45</sup>Mas não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém para procurá-lo. <sup>46</sup>Acharam-no três dias depois no templo, sentado no meio dos doutores, atento em escutá-los e interrogá-los. <sup>47</sup>Todos aqueles que o ouviam ficavam maravilhados com sua inteligência e com suas respostas. <sup>48</sup>Ao vê-lo, ficaram admirados e sua mãe lhe disse: “Filho, por que fizeste isso? Eis que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos!” <sup>49</sup>Mas ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai?” <sup>50</sup>Eles não entenderam o que ele lhes havia dito. <sup>51</sup>Partiu, pois, com eles e voltou a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe guardava todas essas coisas em seu coração. <sup>52</sup>E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens.

### **Contexto e dinâmica do trecho**

O longo trecho selecionado ocupa quase todo o segundo capítulo do Evangelho de Lucas. A riqueza de particularidades que acompanha o nascimento e a primeira infância de Jesus está a serviço de uma melhor compreensão da pessoa. Compreenderemo-lo melhor, se nós reevocarmos o sentido e o valor de todo o complexo do “Evangelho da infância” (Mt 1-2; Lc 1-2).

Sabemos que Marcos concentra o seu interesse na vida pública de Jesus e mais ainda na sua paixão, morte e ressurreição que constituem cerca de 1/6 de todo o seu Evangelho. Estende ao contrário um véu de total silêncio sobre as circunstâncias do nascimento e da infância: quando começa a falar de Jesus, este já é um homem maduro. De tal silêncio pode concluir-se que o escrito evangélico mais antigo privilegiou somente os elementos que julgava prioritários.

Com o passar do tempo, na comunidade primitiva aprimora-se o interesse e cresce certa “curiosidade”. Não se trata, com

certeza, daquela curiosidade bisbilhoteira, inconcludente ou absolutamente nociva que caracteriza certas pessoas. Acrescentar qualquer dado ou qualquer particularidade devia-se ao desejo de entrar cada vez mais profundamente em contato com a pessoa mais importante da história. Não se tencionava recuperar tudo — e o evangelho não é biografia em sentido estrito — mas de propor um quadro “mais completo” em relação ao quadro de Marcos.

Daí o interesse de Mateus e de Lucas, que “chegam ao Menino”, através do Messias que prega, que realiza milagres, que sofre, morre e ressuscita. Seu olhar é, pois, carregado de mistério pascal. Lendo e propondo os primeiros fatos, interpretam-no com aquele “senso do depois” que os torna não cronistas, mas evangelistas. De fato, não são pessoas que relatam qualquer coisa por amor à informação, mas como evangelistas que vêm nos primeiros acontecimentos perfilar-se já o sofrimento e a glória dos últimos dias. Ler o Evangelho da infância é preparar-se para iniciar, compreender e viver o mistério pascal.

### **Breve comentário**

Com esta observação, no interior do complexo de Lc 2 isolamos três trechos: o do nascimento (vv. 1-7), o da apresentação no templo (vv. 21-40) e o do reencontro do templo (vv. 41-52). São caracterizados antes de tudo pela figura de Jesus; a seu lado está a figura da mãe, educada por ele para entrar progressivamente no mistério pascal.

#### **O nascimento de Jesus (vv. 1-7)**

O trecho pareceria uma simples narração de um nascimento, se não intervissem algumas particularidades para orientar diver-

samente. Não se entende por que se fala de Quirino, governador da Síria, e por que se faz referência direta ao imperador de Roma. Simplesmente amor à precisão histórica? Sabemos que Lucas é teólogo da história da salvação e gosta de inserir fatos aparentemente insignificantes em contexto grandioso. Que interesse podia ter o nascimento de um pobre menino numa obscura província do imenso império romano? A conexão que Lucas faz está para indicar que o fato aparentemente comum daquele nascimento interessa a todos, também ao império. É uma maneira para dar ressonância universal a um acontecimento aparentemente negligenciável. Se o nascimento tem tanto relevo, isso vem do conhecimento que se tem do menino, futuro redentor da humanidade. Os efeitos cósmicos da redenção vêm antecipados já no momento do nascimento.

O fato do nascimento ocupa pouco espaço: “Ora, enquanto se encontravam naquele lugar, completaram-se para ela os dias do parto” (v. 6). O parto acontece onde a Providência estabeleceu, em Belém, centro da família de Davi. O chamado, sutil mas não muito, investe de messianidade o recém-nascido; ao mesmo tempo demonstra a disponibilidade de José e de Maria em obedecer à vontade divina, expressa mediante os acontecimentos da história, nesse caso o recenseamento que causou o deslocamento de Nazaré a Belém (cf. v. 4). Não nos adentraremos na espinhosa problemática do recenseamento e de sua possibilidade histórica. Limitamo-nos em insistir sobre o sentido desse deslocamento de norte a sul. O que segue dará substancial ressonância teológica ao dado histórico do nascimento.

Uma primeira referência está subtendida na fórmula “filho primogênito” (v. 7a). O termo não evoca necessariamente outras partes (uma antiga inscrição descoberta no Egito refere que certa Arsinoé morreu ao dar à luz o seu “filho primogênito” e obviamente não houve outros), tendo antes um valor legal e, mais ainda, teológico, como documentará o trecho elaborado de 2,22-40.

Uma outra referência dá-se de uma particularidade de Maria que “o envolveu em faixas” (v. 7b). As faixas são o sinal de uma condição frágil, débil, feitas por ocasião da morte. Existe um gritante contraste entre a glória do Senhor que envolverá os pastores pouco depois (cf. v. 9) e as faixas que cobrem Jesus. Este menino é divino, todavia só deixa transparecer a humanidade frágil de todos os meninos. Sobretudo as faixas lembram os linhos da morte (23,50-53). Há uma procurada aproximação entre o nascimento e a morte, a manjedoura e o sepulcro. O senso teológico encontrará aplicação figurativa em muitos ícones, nos quais a manjedoura assume a forma de sepulcro. Limitando-nos ao estrito campo literário do texto bíblico, talvez se encontre uma relação entre o ser envolvido em faixas — expresso em grego *sparganóo* — e as ataduras deixadas por Jesus ressuscitado (cf. 24,12): a esta altura ele deixa as ataduras que são o aspecto débil e mortal da humanidade e assume o corpo para sempre envolvido de poder glorioso. Lucas exprime com a linguagem das faixas aquilo que Paulo exprime em forma mais teológica em Fl 2,5-9 com a antítese “condição de servo-glorificado”.

A maternidade não se exaure com o ato generativo, mas continua no empenho em fazer Jesus crescer. O resto do capítulo apresenta Maria que, junto de José, levou Jesus ao templo para satisfazer a lei e que depois o procura quando ele fica em Jerusalém sem ela o saber. A maternidade conhece esses sobresaltos do coração, a ânsia da procura, a alegria do encontro, a compreensão não plena do Filho e de seu agir.

### **A apresentação de Jesus no templo (vv. 22-40)**

O trecho compreende a apresentação no templo com os encontros anexos, aqueles com Ana e Simeão. Mais uma vez, além do registro de alguns fatos, é justificada uma leitura mais profun-

da, uma leitura pascal. Também nós distinguimos os dois planos, o histórico e o teológico.

### *Os fatos*

O trecho parte da indicação da purificação que, rigorosamente falando, deve dizer respeito somente a Maria. Segundo a lei registrada em Lv 12, a parturiente permanece impura 40 dias pelo nascimento de um menino e 80 pelo de uma menina. Depois, uma oferta sacrificial a colocará em condições de normalidade. O rito encontra não poucas dificuldades para ser compreendido em nossa mentalidade e as prescrições soam como estranhas em nosso mundo. É de se recordar que até então o nascimento era rodeado de tanto respeito, talvez mesmo de reverência, porque o hebreu estava consciente de participar do poder criador de Deus. Todavia sobrevivia uma antiga mentalidade que reunia todo o mundo do sexo com a impureza. Não se trata de uma imperfeição moral, não se trata mesmo de pecado, mas de uma condição pela qual não era lícito aproximar-se do mundo do divino, senão depois de certo tempo e depois de ter-se submetido a normas precisas de ablução.

O episódio da purificação serve ao evangelista mais de pretexto que de centro de interesse. É a ocasião para falar de Jesus: é a sua primeira presença na cidade santa e o seu primeiro ato de culto. É ele o verdadeiro protagonista. De regra, todo primogênito do sexo masculino pertencia ao Senhor segundo a lei explicitamente mencionada: “Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor” (v. 23; cf. Êx 13,2.11). Para recordar a intervenção libertadora de Deus no Egito no tempo do êxodo, os primogênitos eram consagrados a Deus. Para poder reapropriar-se do filho, os pais cumpriam um gesto rico de simbolismo, oferecendo alguma coisa a Deus em troca do filho que traziam de volta para casa. A oferta de Jesus era o primeiro ato

que os pais deviam cumprir. Em seguida vinha o segundo, o resgate, como prescreve Êx 13,13. *Isso não acontece*. Pelo menos não é mencionado.

Segue o encontro com Simeão (vv. 25-35). Os pintores colocam habitualmente Simeão no centro de sua composição e o representam, velho, no ato de oferecer o menino. O texto evangélico não diz, porém, que foi Simeão quem ofereceu o menino, mas só que “o tomou nos braços” (v. 28). Quem apresentou o menino foram os pais, como Lucas coloca bem em evidência: “levaram o menino a Jerusalém para oferecê-lo ao Senhor” (v. 23). Simeão aí está, mas não é indispensável para o fato. Será sim muito útil para o seu significado. Serão suas palavras, em parte enigmáticas, que darão um colorido de modo pascal ao acontecimento.

Finalmente compare também Ana, uma profetisa. Dela o evangelista oferece algumas particularidades a respeito da idade, de sua condição e sobretudo de sua apresentação como mulher de fé que sabe descobrir no menino muito mais do que os olhos permitem.

### *O significado dos fatos*

Jesus, levado ao templo e aqui consagrado a Deus, não pode ser resgatado, porque é e permanece real “propriedade” de Deus e não poderá jamais ser propriedade de seus pais. O episódio de Jesus aos doze anos que se detém no templo demonstra que Jesus se encontra bem à vontade na casa de *seu Pai* (cf. v. 49). Por outro lado, Lucas não podia apresentar como resgatado (redimido) aquele que é o redentor (cf. v. 32) de Israel e que viera para “resgatar aqueles que estavam sob a lei” (Gl 4,5). Aqui está o Jesus pascal, morto e ressuscitado, que emerge entre os riscos. Se Jesus se submete em parte à legislação hebraica da qual é filho, mostra também ser Senhor da mesma.



Jesus não realiza a oferta de si mesmo porque é pequeno e por isso são necessários os pais. *Tal oferta a fará por si*, quando adulto, *sobre a cruz*. Nesse ínterim são os pais, no papel de ministros ou de vigários, a realizarem tal gesto. Simeão ajuda-os com as suas palavras proféticas a captar o alcance teológico e pascal do gesto. Assim Maria e José são ajudados a entrar no mistério de Jesus. Por isso o sentimento que os acompanha é a maravilha pelo que se diz do menino.

São as palavras de Simeão que conferem densidade ao significado da apresentação no templo. Na habitual tradução “agora deixa” parece quase que Simeão reclama alguma coisa. Na realidade o verbo grego está no indicativo e vai, portanto, traduzido “agora tu estás liberando”. Nas suas palavras colhe-se a alegria de ter contemplado uma glória que está destinada a todos. É já uma antecipação da plenitude cristã depois da ressurreição. De fato o discurso de Simeão tem sempre como centro Jesus, chamado “salvação preparada para todos os povos, luz para iluminar os gentios, glória do povo de Israel”. A idéia de salvação e a perspectiva universal (todos os povos, os gentios) só podem fazer referência ao mistério pascal, no momento em que todos os homens indistintamente são compreendidos no amor redentor de Jesus. A profetisa Ana inscreve-se na mesma linha pascal, visto que “falava sobre o menino a todos aqueles que esperavam a redenção de Jerusalém” (v. 38).

Uma ulterior confirmação da leitura pascal desse trecho vem da referência de Simeão a Maria que será atravessada por uma espada de dor, que é participação na paixão do filho. É ele a pessoa determinante, aquele que é causa de “ruína e de ressurreição” (v. 34). A mãe que o gerou estará sempre próxima dele, mesmo no momento da mais sombria dor. Por isso poderá ser no sentido mais amplo Mãe, *Redemptoris mater*, mãe do Cristo pascal. Disse o Papa no discurso de 23 de novembro de 1988:

“A presença de Maria junto à Cruz mostra seu empenho de participação total no sacrifício redentor de seu Filho. Maria quis participar até ao fundo nos sofrimentos de Jesus, porque não rejeitou a espada anunciada por Simeão (cf. Lc 2,35), ao contrário, aceitou com Cristo o desígnio misterioso do Pai”.

Desde aquele momento centelhas pascais acendem o mistério que explodirá na sua plenitude no momento oportuno.

### **Encontro de Jesus no templo (vv. 41-52)**

O episódio de Jesus aos doze anos encerra o Evangelho da infância e prepara o caminho à missão pública; é o fecho entre a vida privada em Nazaré e o seu ministério. Uma crítica tão impiedosa quanto injustificada quis expungir-lo de um tratamento histórico, porque proporia de novo o esquema do herói que se apresenta como tal desde a juventude. Para bom observador, Jesus não tem nada do *enfant prodige*: se houvesse havido esse interesse, teríamos tido o conteúdo de suas respostas que tanto pasmaram o auditório (cf. v. 47). Lucas pretende, ao contrário, atrair a atenção a outras palavras de Jesus, aquelas que revelam a sua identidade mais que sua inteligência.

Tomando distância da interrogação de Maria: “Filho, por que fizeste isso? Eis que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos”. Jesus responde: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas do meu Pai?” (vv. 48-49). A resposta de Jesus contém dois destaques que Maria não havia percebido. O primeiro diz respeito ao “devo”. Jesus deixa entender que agiu por uma necessidade interior, sem querer contrariar o dever filial de respeito e de obediência que retomará logo depois (cf. v. 51). A um dever Jesus antecipou um outro, que lhe era superior como o primeiro mandamento é superior ao quarto. A urgência deste é preparada daquele “permaneceu” do v. 43, que em grego significa “resistir, perseverar, ter paciência” (cf. Mt 10,22):

“Jesus não permanece no templo por uma simples atração, mas também como fruto de uma decisão difícil, em vista de uma missão a cumprir. O seu permanecer é justamente um resistir, um perseverar, é uma experiência vocacional” (C. M. Martini). O dever de Jesus exprime-se no inserir-se na necessidade histórico-salvífica que corresponde às raízes profundas de sua vocação. Ele faz seu o projeto do Pai.

O segundo destaque, intimamente ligado ao precedente, diz respeito ao Pai. Chamar Deus de Pai não era uma novidade na linguagem teológica do AT. Israel, o filho predileto, ama dirigir-se assim a seu Deus (cf. Êx 4,22; Dt 32,6.18) e assim também o rei (cf. 2Sm 7,14) ou o simples fiel que reza (cf. Sl 73,15). O nosso contexto obriga a uma consideração diversa, sobretudo por aquele marcado contraste entre “teu pai” dito por Maria referindo-se a José e o “meu Pai” dito por Jesus referindo-se a Deus. Jesus aos doze anos, já perto de assumir a plena maturidade religiosa que se alcançava ao se completar o décimo terceiro ano, revela a consciência de uma ligação única com Deus. Não é difícil vislumbrar a consciência da filiação divina, que justifica o peremptório “devo”.

Pode-se sentir um marcante eco pascal no episódio de Jesus no templo, ao lê-lo quase como um prelúdio pascal. Aparecem os temas e os termos de Jerusalém (2,41.43.45), da festa da páscoa (2,41), os “três dias” (2,46), o “devo, é necessário” (2,49), o “procurar, encontrar” (2,44-46.48-49), o templo (2,46), a incompreensão (2,50).

Todos esses temas se encontram no capítulo final de Lucas que descreve o ambiente pascal da ressurreição. Ali se fala de Jerusalém como teatro do desenvolver-se dos fatos (24,13.18), a indicação do terceiro dia (24,7.21.46), o tema do “devo, é necessário” (24,7.26.44), o cumprimento (24,44), o “procurar, encontrar” (24,2.5.23), o templo (24,53).

Poder-se-ia ler a propósito o presente episódio depois da narração da Páscoa.

### **Uma mãe orientada para o mistério**

Sobre a cena do Natal irradia-se a luz da Páscoa. Nenhuma maravilha, se pensamos que o evangelista falou primeiro do nascimento de Jesus conhecendo a sua verdadeira identidade de homem-Deus. Sua narração não é um simples narrar, mas um anúncio que-rigmático, um modo de fazer catequese, de difundir aquela fé que salva, a fé no Cristo morto e ressuscitado que um dia começou sua aventura humana apresentando-se como Jesus de Nazaré. Quando se fala dele, de seu nascimento, não se pode não se referir em termos complexos, em termos de alusão pascal. Com toda a razão comentava São Gregório: “Este Natal que é uma Páscoa”.

Para ter o Natal vem Maria. Ela é aquela que Deus escolheu para permitir ao Filho eterno tornar-se o homem que entra na trama do tempo. Só em relação ao filho entende-se e define-se a sua presença que será sempre funcional e dependente dele. A existência de Maria testemunha a dimensão humana de Cristo, proclama a incontestabilidade do Deus feito homem, admite o risco da história atribuído ao Filho com a Encarnação. Paulo, com o seu “nascido de uma mulher” (Gl 4,4), dera a primeira e fundamental nota temática que nas linhas escritas dos evangelistas se desenvolverá em sinfonia com o recorrente motivo que Dante fixou na sua abertura poética: “Vergine madre, figlia del tuo figlio” (Par. XXXIII, 1). Com o passar do tempo, Maria cresce na compreensão de sua função e no seguimento de seu filho. Também para ela vale o trajeto de morte-ressurreição que acompanhará o Filho.

A graça não a exime da fadiga do crer. O velho Simeão, depois de ter falado de Jesus como sinal de contradição, profetizara: “Também a ti uma espada traspassará a alma” (2,35). Isso ela recebe como uma segunda anunciação, depois daquele de 1,26-38, que lhe prevê uma maternidade atravessada de dor e de sofrimento: será o seu modo específico de participar da paixão redentora. Alguns anos mais tarde Maria deve renovar sua adesão à fé e ao amor, palmilhando o caminho da cruz: vai-se

esculpindo a figura da *Virgo dolorosa*. Ela deverá estar próxima do filho, renunciando a compreendê-lo totalmente, como está bem expresso no episódio do reencontro no templo. Segundo o Evangelho de Lucas, Jesus pronuncia as suas primeiras palavras e Maria as últimas: a ela resta o empenho de meditar em seu coração aquela resposta não entendida totalmente (cf. 2,51). Também através de Maria, a proximidade de Jesus significa crescer na fé; naquele momento Maria, além de mãe, aparece como irmã de todas as pessoas no partilhar a gaudiosa fadiga do crer e do crescimento na fé (cf. João Paulo II, *Redemptoris mater*, n. 16). Também isso pertence ao mistério pascal.

### **Do texto à vida**

1. Maria não se subtrai ao empenho da maternidade, mas tampouco à necessidade de seguir o Filho no caminho da cruz. Estou convencido de que o mistério pascal atravessa e valoriza a vida toda? Sei combinar sabiamente a alegria do nascimento com o valor da morte redentora de Cristo? Possuo uma correta idéia teológica que unifica Natal e Páscoa?
2. A troca de presentes no Natal recorda o *dom* por excelência, aquele que Deus faz à humanidade fazendo-se homem. Como aprecio este dom? Como é possível tornar outras pessoas participantes do mesmo dom?
3. Se é verdade, como dizem os Padres da Igreja, que Deus se faz homem para que o homem possa fazer-se Deus, como devo viver para “deificar-me”? Como uso os meios a minha disposição, os primeiros entre todos os sacramentos?
4. Participo do mistério da vida, favorecendo uma sociedade na qual prevaleça a cultura do amor, da solidariedade, da compreensão? O que aprendo de Maria nessas páginas?